

BARTHES E A MÍDIA: POSSIBILIDADES DE CONHECIMENTO

Roberto Ramos*

Resumo: A Semiologia de Roland Barthes é povoada por traços particulares. Não se empareda no escaninho lingüístico. Reivindica outros contornos. Persegue o translingüístico. Nessa paisagem, o papel da Mídia doa-se como objeto de suas pesquisas semiológicas. No diagrama de sua limitações, o presente ensaio agenciar-se-á nas relações entre a Semiologia barthesiana e a Mídia. Refletirá sobre algumas categorias básicas, que as simbiotizam.

Palavras-chave: Discurso; Significante; Mídia.

INTRODUÇÃO

Por que Roland Barthes? Esta é uma interrogação, que, às vezes, se ouve quando se aborda o estudo da Mídia. Tal inquietação se justifica. Procura as pertinências e as impertinências da Semiologia barthesiana com a complexidade da discursividade midiática.

Sem pretender o crachá de latifundiário da verdade, o presente ensaio fará algumas reflexões sobre a tessitura teórica de Barthes. Buscará compreender a sua adequação em relação aos estudos da Mídia, objetivando a produção de conhecimento.

*Doutor, professor da PUCRS, FAMECOS, Graduação e Pós-graduação. Obras publicadas: Futebol: Ideologia do Poder, Grã-Finos na Globo, Manipulação e Controle da Opinião Pública, A Máquina Capitalista e Ideologia da Escolinha do Professor Raimundo.

1 QUESTÕES TEÓRICAS

Brandão (1994, p. 12) conceitua o Discurso como a “[...] articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos”. Nesse particular, a sua análise reivindica a compreensão do sentido, produzido e constituído pelo contexto sócio-histórico.

Tal perspectiva possui as suas origens nas contribuições, sobretudo, da Filologia de Bakhtin, da Psicanálise e do Estruturalismo. Cada uma, em sua época, preocupa-se em transcender, a seu modo, o universo discursivo, para lhe resgatar as suas condições de produção.

A Filologia foi chamada “[...] a mais difícil arte de ler”, conforme Malmberg (1966, p. 9). Buscava a compreensão dos sentidos de um documento, lavrado em língua humana. Preocupava-se, ainda, em captar o contexto que marcou o seu surgimento.

A Filologia evidenciava dois objetivos. Um se fixava na questão lingüística, por intermédio do significado. O outro perseguia a investigação do contexto social, responsável pela produção discursiva. Tais horizontes originaram duas correntes, as mais importantes, hoje, na Análise do Discurso (AD): a norte-americana e a européia.

A corrente norte-americana está voltada, sobretudo, para o estudo do lingüístico. Sofre a influência da Teoria de Saussure, na qual existe uma separação entre a língua e a fala, através de um enfoque de neutralidade, como observa Malmberg (1966).

A européia pretende explicar o lingüístico por intermédio do contexto sócio-histórico. Foi influenciada pelos postulados dos formalistas russos, mas, fundamentalmente, pelas formulações de Bakhtin (1988, p. 32), estabelecendo as raízes sociais da linguagem.

Também, há que se considerar a importância da Psicanálise e as suas abordagens sobre a subjetividade, a qual deu outra dimensão de compreensão à comunicação humana, com a descoberta de que o homem é comandado pelo inconsciente. O dizer e o escrever passaram

a perder o seu caráter absoluto. Foram relativizados pela suspeita do que recalcam, subjacentemente, em suas pronúncias.

Barthes (1994) categoriza o Discurso com a reivindicação do resgate etimológico. Ele anota, com zelo, “[...] *discursus* é, originalmente, a ação de correr para todo o lado, são idas e vindas, ‘*démarches*’, intrigas”.

A anotação contempla o movimento em sua peregrinação histórica, através da combinação dos signos. É a relação da imutabilidade do Código com as mutações da Fala, tecida, ludicamente, tal qual o jogo de dominó.

A categorização barthesiana carrega duas articulações. Estabelece o sentido lingüístico da discursividade na concretude dos signos, indo além, pois abraça o translingüístico em sua dimensão sócio-histórica. O Discurso é um jogo dialético dos signos.

O semiólogo (s.d., p. 101) propõe duas formas básicas de Discurso, através de suas relações com o Poder:

[...] Nas sociedades atuais, a mais simples divisão das linguagens incide sobre a relação com o Poder. Há linguagens que se anunciam, se desenvolvem, se marcam na luz (ou na sombra) do Poder, dos seus múltiplos aparelhos estatais, institucionais, ideológicos; chamar-lhes-ei de linguagens ou discursos Encráticos. E, de outro lado, há linguagens que se elaboram, se procuram, se armam fora do Poder e/ou contra ele; chamar-lhes-ei linguagens ou discursos Acráticos.

Barthes (s.d., p. 101) estabelece acréscimos:

Estas duas grandes formas de discurso não têm o mesmo caráter. A linguagem Encrática é vaga, difusa, aparentemente, ‘natural’ e, portanto, pouco identificável: é a linguagem da cultura de massa (imprensa, rádio e televisão) e é, também, num sentido, a linguagem da conversação, da opinião corrente (da doxa); toda esta linguagem Encrática e, ao mesmo tempo,

clandestina (não podemos reconhecê-la facilmente) e triunfante (não podemos escapar-lhe): direi que ela é pegajosa.

A linguagem Acrática, essa é separada, cortante, desligada da doxa (é, portanto, paradoxal); a sua força de ruptura vem-lhe de ser sistemática, construída sobre um pensamento, não sobre uma ideologia. Os exemplos mais imediatos desta linguagem Acrática seriam, hoje em dia, o discurso marxista, o discurso psicanalítico e, permitam-me que acrescente, em menor grau, mas estatutariamente, notável, o discurso estruturalista.

Há uma pluralidade, própria do discurso Acrático, como sublinha o semiólogo (s.d., p. 121):

Mas o mais interessante talvez seja que, mesmo na esfera acrática, produzem-se, de novo, divisões, regionalidades e antagonismo de linguagem: o discurso crítico fracciona-se em falares, em cercados, em sistemas. Tenderia, de bom grado, a chamar a estes sistemas discursivos Ficções (é uma palavra de Nietzsche) e a ver nos intelectuais, naqueles que formam, ainda segundo Nietzsche, a classe sacerdotal, a casta, encarregada de elaborar, como artistas, essas ficções de linguagem [...].

Ao eleger a Mídia como objeto de suas incursões semiológicas, Barthes traz-lhe uma reivindicação, com sabor de pré-requisito. É a necessidade de compartilhar com a dimensão interdisciplinar, um tanto desarrumada, sem critérios luminosos de diálogos entre os significantes das disciplinas, mas com uma invariância: a abordagem dialética.

A dialética marxista vai endossar os passos, que transcenderam ao perímetro do lingüístico, para abraçar o planalto do translingüístico. Eis o pedágio, pago pelo semiólogo, ao anotar a essencialidade do papel midiático na discursividade na segunda metade do século XX.

A formulação dos discursos Encrático e Acrático ostenta uma amarração. Há uma conexão respectiva com a doxa, em seu sentido imaginário, e com o paradoxo, como viés de um horizonte, revestido pelos panos da cientificidade. A pluralidade, em sua moeda, de faces contraditórias, é o cifrão de um grifo dialético, que abraçará, invariavelmente, o Estruturalismo, o Materialismo Histórico e a Psicanálise nos rascunhos e nos textos finais de Barthes.

A discursividade está conectada com o Poder. Barthes (1999, p. 10-12) o caracteriza como "a Libido 'dominandi'". Está relacionado com a história inteira do homem e não somente com a história política. É um "parasita do organismo transsocial", que se pronuncia na expressão obrigatória da Linguagem: a Língua".

O semiólogo propõe um elo interdisciplinar com a Psicanálise, criada por Freud e, 1895. Sintoniza o Poder com a categoria Libido, em seu desenho biológico, em suas diferentes fases, constituintes do Inconsciente.

A Libido tem recebido plurais interpretações. Alguns a simplificam, tornando-a um mero e reducionista sinônimo de prazer sexual. Outros conseguem descortiná-la, com mais horizonte, como energia prazerosa em suas multifacetadas versões.

O Poder, como Libido dominante, é a energia prazerosa, própria do princípio de Eros, que concede sentido ao viver humano. Possui várias manifestações, uma das quais é a sexualidade. O seu perfil biológico, de face inata, fixa toda a sua condição de atemporalidade.

Ainda que invariante, a Libido se particulariza em diversas fases. Passa pela oral, anal e fálica, especificadas, etariamente, na primeira infância. Tal qual ocorre, em seu sincretismo, com o Poder, que é imutável no curso histórico, porém se singulariza em cada conjuntura histórica.

Barthes recicla a noção weberiana de Poder como dominação. O homem é indissociável da energia prazerosa, que lhe impõe, dialeticamente, a simbiose liberdade/submissão. Eis a concepção althusseriana de sujeito, presente no intertexto.

Além de sua realização biológica, o poder é, também, uma realidade cultural. Está instalado na Linguagem, nos escaninhos da Língua, como instituição social, que se reproduz transsocialmente.

Verifica-se que o Poder é concebido no tempo e no espaço, considerando a sua supratemporalidade e a sua supraespacialidade. É o invariante da história, que se reproduz nas variações, manifestas em cada conjuntura histórica.

No horizonte barthesiano, o Mito é uma forma de fala que explora a conotação. Não nega a factualidade histórica, apenas a torna ingênua. A sua função é a naturalização e a eternização da sociedade burguesa.

O Sistema de Significação – Significante, Significado e Signo – se redesenha na produção mítica. Ao transcender o perímetro da denotação, engendrando a conotação – o sentido –, torna-se Significante desta.

A obra, “Mitologias”, é angulada pela crítica ideológica. O seu intertexto comporta as presenças de Hjelmslev, pela conotação; de Durkheim, pelo Mito, como representação coletiva; e de Marx, pela Ideologia, em seu sentido napoleônico, como distorção.

Tal ecumenismo teórico não é uma fisionomia do despropósito, como possa conceber o embriagado pela aguardente das aparências. A reunião de Hjelmslev, Durkheim e Marx está alinhavada pelos laços sazonais da interdisciplinaridade do estudo do Mito.

No curso das páginas de “Mitologias”, há a construção de uma ambivalência. Ocorre a sobreposição das categorias Mito e Ideologia. Ambas são gêmeas, respiram o oxigênio da conotação e encenam a legitimação da sociedade burguesa.

A própria configuração do Mito corresponde à ideologização. Contempla o lingüístico e o translingüístico, estabelecendo a deformação de sentido. Transpira, aí, o conceito particular de Ideologia, resgatado em Marx.

Assim, Mito e Ideologia são sinônimos, ainda que Barthes não o explicita, com rigor. A nomeação Mito possui a preferência, porque foi priorizada pelo semiólogo, inclusive, na titulação de sua obra.

Barthes busca uma dimensão translingüística. É o seu passaporte para dar conta da Fala, sincretizada como textos do Imaginário, o objeto de sua Semiologia. Recorre à Sociologia, fomentando a sua angulação interdisciplinar.

Em "Mitologias", a interdisciplinaridade aparece submersa na intertextualidade. Quase duas décadas mais tarde, ela emerge em "Escritores, intelectuais e professores e outros ensaios". Todavia, ainda, se ressentem de elos convergentes, que possam unir, nas suas distâncias epistemológicas, Durkheim e Marx.

Também, com "Escritores, intelectuais e professores e outros ensaios", Barthes procura revisar a sua teoria. Assinala a mudança de objeto. O Mito não é mais uma questão lingüística, converteu-se em uma questão translingüística. Foi incorporado pela prática, como mítico.

Tal postura é elogiável em seu horizonte de auto-reflexão teórica, porém oca de realização. O semiólogo anseia por uma teoria de Ideologia, modulada pela sintonia translingüística apenas, que não pode ser rompida da lingüística.

Barthes, ao valorizar a materialidade da prática anotada, sociologicamente, quer desembarcar de sua concepção de Mito, tecida em "Mitologias". A sua tentativa de revisão acaba se tornando uma ratificação.

Se o objeto mudou, não há mais Mito, fraseológico, mas o mítico, encravado nas práticas. Estas só existem como eventos de

linguagem, quanto mais velam, mais conotam. Necessitam, com muito mais urgência, de uma leitura semiológica, com lentes interdisciplinares, feitas por Barthes. O objeto mudou, mas o Mito, orquestrado em "Mitologias" permaneceu, ainda que seu criador tenha descartado o auto-reconhecimento.

A conjuntura teórica barthesiana está mergulhada na relação dialética entre imaginário e prática. Só que ela já foi instaurada como Teoria da Ideologia em Geral, empreendida por Althusser, em 1969, no ensaio "Aparelhos Ideológicos de Estado".

Observa-se, portanto, a evolução do questionamento sobre o Mito. As mudanças históricas procuravam, dissimilá-lo, mas mais o validaram, tal qual se notabilizou em "Mitologias". Se Althusser foi além, materializando a dialética da Ideologia, ficou aquém na questão lingüística, tão, engenhosamente, formulada por Barthes. Ambos se complementam neste particular.

De outro lado, a expressão francesa *Fait Divers* designa a informação sensacionalista. Barthes (1971, p. 263) a caracteriza pela sua monstruosidade, sendo "[...] análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em resumo anônimos".

Através da angulação estrutural, o semiólogo a classifica em dois tipos básicos: Causalidade e Coincidência. Ambos, em suas respectivas subdivisões, formalizam a noção de conflito, fixada em sua notificação presenteísta, que interpela pela exploração de emocionalidade.

O *Fait Divers* de Causalidade apresenta duas manifestações:

a) Causa Perturbada – há o desconhecimento ou a imprecisão causal, ou, ainda, quando uma pequena causa provoca um grande efeito;

b) Causa Esperada – quando a causa é normal, a ênfase recai nos Personagens Dramáticos – mãe, criança e velho (Barthes, 1971).

O segundo tipo, *Fait Divers* de Coincidência, possui também, duas manifestações:

a) Repetição – a informação, repetida, instaura a onipresença da factualidade em circunstâncias diferentes;

b) Antítese – duas perspectivas diferentes, antagônicas, são fundidas como se fossem uma única realidade. Uma de suas expressões é o cúmulo (a má sorte), figura da Tragédia grega (Barthes, 1971).

A monstrosidade, como anotação da noção de conflito, é decupada pelo presenteísmo, dimensionado pela emocionalidade. Inscreve-se, como conjuntura sintagmática, que descarta, em seu consumo imediato, a razão, na ilogicidade da Causalidade e da Coincidência. Explica-se, historicamente, pela a historicidade da Fatalidade.

O *Fait Divers*, em suas diferentes manifestações, está presente na Literatura, no Cinema e na Mídia. Nesta, em particular, aparece na abordagem da realidade e da ficção na pluralidade de espaços da Imprensa, do Rádio e da Televisão.

É possível, ainda que Barthes não tenha feito, a articulação do *Fait Divers*, com o Poder e o Mito. Localizá-la na instância de um Sistema de Significação, preservando os limites teóricos e as fronteiras interdisciplinares da produção barthesiana.

O *Fait Divers*, em seus tipos e subtipos, é um Significante. Produz, como Significado, a noção de conflito, explicada pela Fatalidade, constituindo o Signo denotado. Eis o Sistema de Significação primeiro.

O poder (Libido dominante) é, também, denotado, através da Fatalidade. Ela liberta o sujeito histórico de seus conflitos, irresponsabilizando-o historicamente. Aborda-o, narcisicamente, como pai-supremo, explicação absoluta para o inexplicável.

O Sistema de Significação, primeiro, além da denotação, estabelece a conotação, tornando-se Significante desta. A Fatalidade é conotada como um enfoque acrítico da realidade. Submete o sujeito histórico à hegemonia do instituído, dado como natural e eterno. Eis o Mito, forjado pelo Sistema de Significação segundo, conotado.

Verificou-se, portanto, a teorização sobre o *Fait Divers*, estruturada pela sua categorização em tipos e subtipos. Mesmo que Barthes não a tenha empreendido, houve a viabilidade de relacionar o *Fait Divers* com o Poder e o Mito no perímetro semiológico.

2 QUESTÕES METODOLÓGICAS

A Semiologia barthesiana ganha forma e perfil próprio na obra, aula (1999). Singulariza o seu objeto de estudo, com a espessura de duas teses e uma síntese.

Barthes (1999, p. 36) estabelece, na primeira tese, que a Semiologia é Negativa. O signo não possui “[...] caracteres positivos, fixos, a-históricos, a-corporéos, em suma: científicos”.

Na segunda tese, Semiologia Ativa, há a fixação de seu compromisso com a vida. O seu objeto de estudo são os textos do Imaginário: “As narrativas, as imagens, os retratos, as expressões, os idioletos”, grifa Barthes (1999, p. 40).

Após as duas teses, chega a vez da síntese, assim empreendida pelo semiólogo (1999, p. 41): “Chamaria de bom grado ‘Semiologia’ o curso das operações ao longo do qual é possível – aquiçá almejado – usar o signo, como um véu pintado, ou, ainda, uma ficção”.

Observa-se que as duas teses e a síntese não são aleatórias. Constituem a tríade da Dialética hegeliana ou marxista. A tese é a Semiologia Negativa; a antítese, a Semiologia Ativa e a síntese, a relativização do signo.

O signo "científico" na Semiologia Negativa não deve ser visto apenas com a aparência da Denotação. Encontra-se permeado pela Conotação, porquanto o seu sentido transcende o texto. Alcança a contextualidade.

Há, dentro do "científico", uma alusão ao Positivismo, que possui uma anterioridade. Fora prefaciada pela expressão, "caracteres positivos", "absolutos". É dirigida a um endereço epistemológico verossímil: Ferdinand Saussure.

Barthes está desembarcando das influências da Semiologia de Saussure, cuja cultura é marcada e demarcada pelos princípios positivistas. Parece não lhe servir mais uma visão redutora do signo, medido pela superficialidade de suas funções.

Neste sentido, a Semiologia Negativa e Ativa passam, também, a constituir uma antítese, cuja tese está em outro lugar. Encontra-se nos textos da Semiologia de Saussure. Logo, a síntese é de ruptura. A abordagem não pertence à Dialética hegeliana, mas à Dialética marxista.

Tal ruptura não fez Barthes deixar de ser estruturalista. Ele apenas reciclou o seu Estruturalismo, desembaraçando-o das amarras das funções. Deixou de ver o signo, somente em seu perfil lingüístico, órfão de história. Concedeu-lhe um outro perfil: translingüístico, filho da história.

Existe, na relativização do signo, a presença de Bakhtin. Ele é a referência cultural, ainda que implícita, na discursividade. Leva Barthes a conceber a produção do signo como uma produção social.

Neste sentido, a Semiologia barthesiana traz as cores do Lingüístico e do translingüístico. Não mata o sócio-histórico para sobreviver o signo, nem aborta o signo, para o nascimento do sócio-histórico. Simbiotiza-os para a produção de conhecimento.

Mesmo com algumas negligências interdisciplinares, a cultura barthesiana tem três significantes básicos: a Psicanálise, via Freud e

Lacan; o Materialismo Histórico, com Marx e Bakhtin, e o Estruturalismo, através de Lévi-Strauss. Compatibiliza os princípios do Estruturalismo com os da Dialética marxista. Eis a sua Dialética Histórico-Estrutural.

Portanto, a Semiologia de Barthes possui fisionomia própria. Não se confunde com a Análise de Discurso, nem quer ser uma sociologia do Texto. Tem o seu objetivo: como o homem representa o real, através dos signos. Por isso, é uma opção teórica, pertinente, quando se pensa em estudar a Mídia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 13. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____. **Aula**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **Mitologias**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

_____. **Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios**. Lisboa: Presença, s.d.

_____. **Elementos de semiologia**. 10. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1993.

_____. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, s.d.

_____. **Sistema da moda.** São Paulo: Nacional, USP, 1979.

_____. **Ensaio crítico.** Lisboa: Edições 70, 1971.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise de discurso.**
3. ed. Campinas: Unicamp, 1994.

MALMBERG, Bertil. **Las Nouvelles tendances de la linguistique.**
Paris: PUF, 1966.

Abstract: Roland Barthes's semiology is crowded with special traits. It cannot be cloistered within the walls of linguistics. It calls for other frames. It pursues the translinguistics. It invests in the role of the media as the object of its research. This essay, in the diagram of its limitations, will attempt to establish itself in the relationship between Barthes's semiology and the media, reflecting on some basic categories in symbiosis with them.

Key words: Discourse; significant; media.

